

# Competências “práticas” de árbitros(as) brasileiros(as) de Ginástica Artística: um panorama diagnóstico

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2023e37nesp215406>

Mateus Henrique de Oliveira\*  
Eliana de Toledo\*\*/\*\*

\*Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.  
\*\*Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

## Resumo

A arbitragem possui um papel muito importante no contexto esportivo e seu processo de formação deveria ser cada vez mais cuidado por diferentes instituições, podendo propiciar resultados mais precisos e justos, atletas (da iniciação ao alto rendimento) mais conscientes e motivados(as), árbitros(as) mais realizados com seu trabalho e uma maior valorização do esporte como um fenômeno sócio cultural e formador de valores. Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar os níveis de compreensão e de aplicação de competências práticas dos(as) árbitros(as) de ginástica artística feminina (GAF) e masculina (GAM). Trata-se de um estudo abordagem descritiva, do tipo quantitativa – cujo qual utilizou de estatística descritiva para representar numericamente as respostas dos participantes, além da análise e discussão dos dados de acordo com o aporte teórico e com a visão dos autores sobre o assunto. Como ferramenta de pesquisa foi utilizado o questionário, aplicado para uma amostra de 58 árbitros(as) de GAF (28) e GAM (30). A partir da análise dos dados, por meio de estatística descritiva, identificou-se que os(as) árbitros(as) de ambas as modalidades compreendem e aplicam tais competências de formas semelhantes, com destaque para a autoconfiança e a capacidade de avaliar séries de diferentes níveis. A compreensão e aplicação das competências relacionadas ao componente artístico da modalidade feminina ainda é um item de dificuldade para os(as) árbitros(as) da GAF, enquanto competências relacionadas a comunicação eficiente e de percepção emocional são as de principais diferenças para os árbitros de GAM. Este estudo se mostra relevante para identificar as fragilidades e potencialidades do grupo de árbitros(as) brasileiros(as) em questão e, assim, melhor colaborar com o seu processo de formação para a atuação com a arbitragem em campeonatos nacionais e internacionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ginástica Artística; Arbitragem; Competências práticas; Processo de formação; Atuação especializada.

## Introdução

A atuação do(da) árbitro(a) em muitos esportes é o ponto chave para o espetáculo esportivo, pelo fato de ser o responsável por determinar o campeão<sup>1</sup>. Por conseguinte, há a necessidade de um(a) bom(boa) especialista em arbitragem para o desenvolvimento esportivo.

Em comparação com outros esportes nos

quais o desempenho é medido objetivamente (por exemplo, modalidades de marca, tempo ou distância), a pontuação de um(a) ginasta na ginástica artística (GA) é obtida por meio de avaliações de uma equipe de árbitros(as), efetuadas durante a competição. Os(as) árbitros(as) são responsáveis por identificar padrões complexos

de movimentos e compará-los com a forma descrita como a ideal de realização de cada um deles, dispostas no Código de Pontuação (CP) da modalidade.

O processo avaliativo da ginástica artística masculina (GAM) e da ginástica artística feminina (GAF) é definido por um grupo de sete árbitros(as) no total, que são responsáveis por duas notas distintas. Dois(duas) árbitros(as) são responsáveis por juntos(as), compor a chamada Nota de Dificuldade (nota D) que, numa lógica somativa, contabilizam o valor de dificuldade dos elementos apresentados pelos(pelas) ginastas em suas séries, além dos requisitos de composição e as bonificações por realização de elementos seguidos, específicos de cada aparelho. Os(as) outros(as) cinco árbitros(as) são responsáveis por compor a Nota de Execução (nota E) que, numa lógica dedutiva, contabilizam a quantidade de falhas técnicas e/ou artísticas cometidos pelo(a) ginasta durante a sua série, e deduzem o valor final dos descontos de uma nota 10. Para o cálculo final desta nota, é realizada uma média aritmética simples dentre as três notas intermediárias, sendo a maior e a menor soma dos descontos descartada deste cálculo<sup>2-3</sup>, colaborando assim com um processo de avaliação considerado mais justo e coerente, uma vez que considera diferentes visões, com uma mesma base, para uma mesma série.

FERNANDEZ-VILLARINO e colaboradores<sup>4</sup> afirmam que o julgamento na ginástica rítmica (GR), similar ao da GA, demanda uma grande capacidade mental, uma vez que combina capacidades de percepção emocional com avaliações técnicas objetivas por parte dos(das) árbitros(as) que, ao mesmo tempo, devem apreciar componentes expressivos, artísticos e parâmetros técnicos. Para a GA, especificamente a feminina, tal definição também cabe, uma vez que em dois dos quatro aparelhos os chamados componentes artísticos também estão presentes.

Os componentes artísticos presentes na GAF têm avançado em termos de clareza dos conceitos, mas ainda dependem de uma avaliação subjetiva por parte do(da) árbitro(a)<sup>5</sup>. Assim, os componentes técnicos de ambas as modalidades, podem ser influenciados por diferentes fatores que vão além das provas, dependendo de fatores pessoais e individuais de cada árbitro(a), caracterizando-se como uma regra “não escrita” de interferência direta na modalidade, como descrito por PLESSNER<sup>6</sup> como sendo um fator que possa dificultar o momento de tomada de decisão durante o processo de avaliar e quantificar, de forma precisa, o desempenho de uma atleta.

Diante da perspectiva de que a arbitrar é um ato

influenciado por relações socioculturais construídas e desenvolvidas de forma individual e coletiva, destaca-se também a experiência, com foco no conhecimento e na prática, como um dos fatores positivamente determinantes nesse processo formativo de tomada de decisão para avaliar uma performance ou julgar uma sequência de atitudes no campo desportivo. Ou seja, são fatores importantes para a formação e para o desenvolvimento especializado de um(a) bom(boa) árbitro(a), principalmente, em modalidades técnico-combinatórias como as ginásticas<sup>7-11</sup>.

Para além dos fatores formativos, a arbitragem na GA também está suscetível a cometer equívocos durante sua atuação, como em qualquer outro esporte. STE-MARIE e LEE<sup>24</sup>, BOEN e colaboradores<sup>16</sup> e LEANDRO e colaboradoras<sup>25</sup> são consonantes ao afirmar que uma das principais dificuldades de se julgar na Ginástica é o alto volume de informações que o(a) árbitro(a) precisa processar antes de transformá-la numa nota final, expressa em números. Esse conjunto de dados demonstra que é difícil avaliar com precisão alguns elementos que os(as) ginastas venham a apresentar em sua série, tendo em vista que a compreensão do que está descrito no CP não está totalmente alinhada com a aplicação durante o momento de arbitrar, gerando diferentes interpretações para um mesmo momento e, possivelmente, resultando em desvios e tendenciosidades para a composição da nota final.

Denominada por alguns autores de viés ou postura tendenciosa, tais erros ocorrem de forma proposital, e ocorrem de forma que possam prejudicar a avaliação do(da) atleta no momento de sua apresentação, sejam realizados de forma intencional, ocasionados por diferentes variáveis<sup>10-12</sup>, e estão divididos em duas categorias: aleatórios e sistemáticos.

Erros aleatórios são variações do padrão de notas do(da) árbitro(a), fazendo com que quanto menor for tal variação, maior será a confiabilidade das notas que tal árbitro(a) concede para as apresentações. E os erros sistemáticos seguem um determinado “padrão” para que ocorram, os quais estão atrelados a diferentes fatores intra ou extra competição, como por exemplo: nacionalidade e/ou patriotismo, reputação do(da) atleta nas competições, memórias de competições passadas, experiência do(da) árbitro(a) em competições anteriores ou como atleta ou conformidade do(da) árbitro(a) em relação ao restante da banca<sup>12-17</sup>. Isso mostra ainda mais a influência da cultura e da experiência do(da) árbitro(a) para a sua atuação especializada.

E, para além disso, alguns fatores tão fortemente

marcados na competição, também podem influenciar negativamente no momento da atuação do(da) árbitro(a), como: o tempo de duração dos campeonatos, o ângulo de visão dos(das) árbitros(as) em relação ao aparelho, a ordem de apresentação dos(das) atletas, a velocidade de realização dos exercícios, as cores das vestimentas dos atletas, o tamanho do público presente na competição e o ruído/som feito pelo público<sup>18-23</sup>.

Considerando essa diversidade de fatores que podem vir a influenciar a atuação da arbitragem, FERNANDEZ-VILLARINO e colaboradores<sup>4</sup> elencaram em seu estudo uma variedade de competências de diferentes campos – psicológico, pedagógico, emocional e de vivência/experiência na modalidade - que os(as) árbitros(as) (no caso do estudo, que atuavam com a GR) deveriam dominar para que pudessem avaliar as séries de uma forma mais eficiente, compreendendo que cada árbitro(a) passa por diferentes processos de formação para a sua atuação.

No Brasil, os cursos de arbitragem são divididos e organizados de acordo com o nível das competições - Estadual, Nacional e Internacional. Para se tornar árbitro(a) de GA, deve-se realizar o curso de arbitragem - de curta duração, atualizado a cada quatro anos voltado apenas para a compreensão das regras da

modalidade – que esteja de acordo com o nível de aptidão e experiência daquele que está realizando o curso. O(a) interessado(a) deve ser aprovado(a) em duas provas: uma teórica, contendo questões relacionadas ao CP e as regras gerais da modalidade e uma prática, na qual os(as) aspirantes a árbitro(a) devem realizar o cálculo de notas de dificuldade e de execução ao assistirem séries de vídeo pré-avaliadas pelos organizadores do curso<sup>25</sup>. No entanto, durante este processo, as competências elencadas pelas autoras como sendo relevantes para a atuação da arbitragem não parecem sequer serem citadas durante a realização do curso, devendo ser compreendidas e desenvolvidas de diferentes formas por cada um dos(das) árbitros(as).

Assim, diante deste cenário de diferentes fatores que envolvem o processo formativo da arbitragem em GA e da incipiência no conhecimento e desenvolvimento das competências importantes para uma atuação precisa. O objetivo desta pesquisa foi analisar os níveis de compreensão e de aplicação de competências práticas dos árbitros(as) de ginástica artística, a partir do modelo proposto por Fernandez-Villarino e colaboradores<sup>4</sup>. Almeja-se também, a partir destes dados, trazer reflexões e apontamentos para processos formativos de árbitros(as) brasileiros(as) de GAF e GAM.

## Método

Esta pesquisa se caracteriza como descritiva, pois, segundo GIL<sup>26</sup> (p. 28) esta “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre as variáveis”. E possui abordagem quantitativa, uma vez que se trata de um estudo de um determinado objeto de pesquisa, considerando o contexto em que ele está inserido e as características da sociedade que pertence, de forma a obter informações quantificáveis de uma amostra da população<sup>26</sup>.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o CAAE número: 38917420.7.0000.5404

### Participantes

Inicialmente realizou-se uma consulta ao site da Federação Internacional de Ginástica e

da Confederação Brasileira de Ginástica, para verificação dos(das) árbitros(as) brasileiros(as) de GAF e GAM que possuíssem *brevet* de nível nacional e internacional no ciclo olímpico de 2017-2021. Deste universo, 89 foram convidados(as) a participar da pesquisa, chegando-se a uma amostra final de 58 árbitros(as), sendo 28 de GAF (6 homens e 22 mulheres, com média de idade de 41,3 anos) e 30 de GAM (todos homens, com média de idade de 35,5 anos). O critério de inclusão foi possuir o *brevet* nacional ou internacional durante o ciclo olímpico de 2017-2020. Desta amostra, 30 árbitros(as) (51,75%) participantes possuíam o *brevet* internacional, enquanto outros(as) 28 árbitros(as) (48,25%) possuíam o *brevet* nacional. A distribuição dos(das) árbitros(as) de acordo com a modalidade e com o *brevet* se encontra na TABELA 1 a seguir:

TABELA 1 - Composição da amostra de participantes da pesquisa.

<b>Categoria</b>	<b>Ginástica Artística Feminina</b>	<b>Ginástica Artística Masculina</b>
Nacional	11	17
Internacional	17	13
<b>Total</b>	58 árbitros(as)	

Para além do *brevet*, foram coletados dados referentes ao tempo de experiência que os(as) árbitros(as) participantes do estudo possuíam, sendo este considerado

um fator relevante para o processo formativo da arbitragem brasileira em GA. Os dados deste fator encontram-se dispostos na TABELA 2 a seguir:

TABELA 2 - Média do tempo de atuação dos participantes do estudo com arbitragem.

<b>Tempo / Modalidade</b>	<b>GAF</b>	<b>GAM</b>	<b>Geral</b>
Tempo min.	9 anos	1 ano	1 ano
Tempo máx.	42 anos	40 anos	42 anos
Média	21,6 anos	16 anos	18,8 anos

### ***Instrumento e procedimentos metodológicos***

Utilizou-se a ferramenta questionário, entre os meses de maio e junho de 2021, por meio da plataforma Google Forms. A análise dos dados se caracterizou como quantitativa<sup>27</sup>, realizada por meio de estatística descritiva, relacionada aos dados percentuais de cada uma das respostas, comparando as diferentes variáveis analisadas, como por exemplo as diferenças entre a GAF e a GAM e o grau de qualificação dos(das) árbitros(as) participantes, divididos entre árbitros(as) nacionais e internacionais.

No questionário foram disponibilizados dois

protocolos para respostas, adaptados do estudo de FERNANDEZ-VILLARINO e colaboradores<sup>4</sup>, realizados com árbitros(as) de Ginástica Rítmica, para elencar quais seriam as competências práticas mais importantes de se dominar durante a atuação da arbitragem. Assim, a adaptação se deu não apenas para a modalidade – com as devidas modificações da GR para a GA -, mas também para a identificação da percepção da compreensão de o que tal competência significa, e como o(a) árbitro(a) considera que domina tais competências. As competências elencadas para serem analisadas no estudo foram elencadas de acordo com descrição do QUADRO 1 a seguir:

QUADRO 1 - Competências práticas e breve descrição dos itens.

Competência	Breve descrição
Níveis de qualificação	Categoria que o árbitro possui ser importante ou não
Experiência	Tempo de experiência em arbitragem
Capacidade de julgar qualquer nível de competição	Seja das diferentes categorias da modalidade, ou se as competições são locais, escolares, regionais, estaduais, nacionais ou internacionais
Autoconfiança	Ter segurança sobre sua tomada de decisão no momento de julgar
Autocontrole em situações de pressão	Dentro do ambiente competitivo
Capacidade em se comunicar com os outros	Seja com treinadores, ginastas, outros árbitros ou gestores esportivos
Observar, interpretar e memorizar	Transferência de informações destas ações para uma melhor tomada de decisão
Capacidade em diferenciar o nível da apresentação	Diferenciar quem realmente foi melhor na competição
Definir sua percepção emocional	para manter o mesmo critério de avaliação em todas as apresentações, sem se deixar levar por gostos pessoais no momento de avaliar.
Apreciação estética e artística	Compreender os critérios artísticos da modalidade);
Ser seguro na aplicação de parâmetros técnicos	Transferir os conceitos disponíveis no CP para o momento da avaliação de forma coerente
Domínio de parâmetros artísticos e musicais	Importantes principalmente para a modalidade feminina, que conta com este domínio como parte do processo avaliativo.

Os dados foram obtidos por meio de uma escala Likert<sup>27</sup>, da qual cada uma das competências descritas no questionário deveria ser pontuada da seguinte maneira:

Para o protocolo de compreensão da importância da competência:

- 1 equivalente a não compreendo;
- 2 compreendo pouco;
- 3 compreendo;

- 4 compreendo muito;
- 5 equivalente a compreendo completamente.

E para o protocolo de domínio e aplicação de tal competência em sua atuação:

- 1 equivalente a incompletamente aplicável;
- 2 pouco aplicável;
- 3 aplicável;
- 4 muito aplicável;
- 5 equivalente a plenamente aplicável.

## Resultados e Discussão

De forma geral, os principais resultados do estudo sugerem que os(as) árbitros(as) brasileiros(as) valorizam, principalmente, a segurança na aplicação dos parâmetros técnicos da modalidade e a capacidade em diferenciar o nível da apresentação. Tais competências estão diretamente relacionadas, uma vez que os a arbitragem deve se adaptar as diversas competições para as quais estão aptos(as) a julgar, que por vezes contam com diferenças nos regulamentos e que devem ser aplicadas corretamente de acordo com o nível da competição. Sendo assim, o estudo está em consonância com os resultados encontrados

por Fernandez-Villarino e colaboradores<sup>4</sup>, demonstrando uma relação entre a lógica de avaliação da GA e da GR.

A TABELA 3 contém os dados de compreensão e aplicação de cada uma das competências dos árbitros(as) de GAF; A TABELA 4, por sua vez, contém os dados de compreensão e aplicação dos árbitros de GAM; Já a TABELA 5 traz os dados de todos(as) os(as) árbitros(as) participantes da pesquisa, numa divisão relacionada ao tipo de brevet (nacional ou internacional) que os(as) participantes possuem, gerando um panorama relacionado ao nível de qualificação.

TABELA 3 - Dados de Compreensão e Aplicação das Competências Práticas de Arbitragem por árbitros(as) de GAF.

Conceitos/Média dos Scores	GAF			
	Compreensão		Aplicação	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Níveis de qualificação (ex: ser internacional categoria II, III, etc)	4	0,96	4,6	0,68
Experiência (ex: Ser árbitro a 10 anos)	4,35	0,76	4,6	0,79
Capacidade de julgar qualquer nível de competição	4,6	0,72	4,4	0,83
Autoconfiança	4,4	0,67	4,5	0,69
Autocontrole em situações de pressão	4,25	0,91	4,1	0,87
Capacidade de se comunicar com os outros	4,3	0,84	4,4	0,95
Observar, interpretar e memorizar	4,45	0,77	4,45	0,74
Capacidade em diferenciar o nível da apresentação	4,7	0,65	4,75	0,51
Definir sua percepção emocional	4,35	0,65	4,3	0,66
Apreciação estética e artística	4,4	0,72	4,5	0,79
Ser seguro na aplicação de parâmetros técnicos	4,6	0,72	4,65	0,55
Domínio de parâmetros artísticos e musicais	4,2	0,77	4,1	1,03

Notou-se que para os(as) árbitros(as) de GAF, os conceitos das competências práticas de melhor compreensão e, também de melhor aplicação prática no momento de avaliar, foram os conceitos de “Capacidade em diferenciar o nível da apresentação”, e o de “Ser seguro na aplicação de parâmetros técnicos”. Tais conceitos nos parecem ser os mais claros devido as diferenças dos regulamentos das competições de diferentes níveis, que possuem especificações técnicas muito claras de acordo com o nível e a categoria da competição (Pré-infantil com as séries obrigatórias; Infantil com séries obrigatórias e livres; Juvenil e Adulto com as especificações da FIG).

No Brasil, por questões de otimização de gastos e de aproveitamento da presença dos(das) árbitros(as), é comum a realização de competições com mais de uma categoria num mesmo evento, fazendo com que o tempo de trabalho aumente, também demandando alto nível de atenção por trabalhar com diferentes regulamentos. Dentro de uma dessas competições, um(a) árbitro(a) pode participar do processo avaliativo de um elevado número de ginastas de diferentes categorias, idades e níveis, sendo séries de maior duração (como nos aparelhos trave e solo na GAF, ou solo, argolas e paralelas na GAM) ou de duração mais curta (como séries de salto para ambas as modalidades, ou de paralelas na GAF e barra fixa e cavalo na GAM). Esta situação pode evidenciar a

competência de julgar séries de diferentes níveis por parte dos(das) árbitros(as), indo de encontro também com os estudos de Mascarenhas<sup>27</sup>, que afirma que árbitros(as) de maior qualificação possuem maior competência na hora de diferenciar os níveis das performances apresentadas em competições. No entanto, tal situação também evidencia.

Já os itens com menores escores entre a compreensão e aplicação das Competências foram os de Níveis de Qualificação, Autocontrole em situações de pressão e Domínio de Parâmetros artísticos e musicais. Assim como no estudo de FERNANDEZ-VILLARINO e colaboradores<sup>4</sup>, de PAJEK e colaboradores<sup>5</sup> e de OLIVEIRA e colaboradores<sup>29</sup>, quantificar a subjetividade dos componentes artísticos das modalidades gímnicas parece ser o principal desafio dos(das) árbitros(as). Isso porquê, além de envolver aspectos emocionais ainda parece haver uma dificuldade em compreender as descrições dos itens avaliativos que o CP traz para a modalidade.

Os níveis de qualificação da arbitragem não parecem ser relevantes para, de fato, estar atuando em um determinado tipo de competição, e o ambiente competitivo está permeado por diferentes tipos de aspectos pressionadores e estressantes, como já destacado nesse texto (voltado para a GA) e nos estudos de DUDA e colaboradores<sup>30</sup> e DEBIEN e colaboradores<sup>31</sup>, ambos voltados para a GR mas com grande similaridade com a GA.

TABELA 4 - Dados de Compreensão e Aplicação das Competências Práticas de Arbitragem por árbitros de GAM.

Conceitos/Média dos Scores	GAM			
	Compreensão		Aplicação	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Níveis de qualificação (ex: ser internacional categoria II, III, etc)	4,5	0,85	4,65	0,66
Experiência (ex: Ser árbitro a 10 anos)	4,55	0,72	4,4	1,00
Capacidade de julgar qualquer nível de competição	4,6	0,67	4,55	0,89
Autoconfiança	4,5	0,73	4,5	0,82
Autocontrole em situações de pressão	4,5	0,73	4,55	0,77
Capacidade de se comunicar com os outros	4,5	0,77	4,35	0,99
Observar, interpretar e memorizar	4,45	0,73	4,55	0,72
Capacidade em diferenciar o nível da apresentação	4,7	0,53	4,8	0,48
Definir sua percepção emocional	4,45	0,68	4,25	0,86
Apreciação estética e artística	4,45	0,81	4,5	0,73
Ser seguro na aplicação de parâmetros técnicos	4,7	0,53	4,65	0,54
Domínio de parâmetros artísticos e musicais	3,5	1,27	3,55	1,16

Para a modalidade masculina, os maiores escores foram concedidos à “Capacidade em diferenciar o nível da apresentação” e “Ser seguro na aplicação de parâmetros técnicos”, assim como na modalidade feminina. Já os menores escores foram os de “Definir sua percepção emocional” e “Domínio de parâmetros artísticos e musicais”, o que faz sentido, uma vez que a GAM não possui em seu escopo este tipo de avaliação e, portanto, se torna menos subjetiva do que a GAF.

De forma geral, destacamos os itens “Experiência”, “Autoconfiança” e “Capacidade de se comunicar com os outros”, que parecem ser itens destacados pelos árbitros como de relevantes não apenas para a atuação especializada, mas também para o processo de formação com a arbitragem GA. A vivência em campeonatos pode trazer uma confiança maior durante o ato de julgar, e também de transmitir/trocar conhecimento com outros árbitros e até mesmo com outros treinadores(as) e ginastas<sup>32</sup>.

TABELA 5 - Competências práticas de arbitragem divididas de acordo com *brevet* de arbitragem dos(das) participantes.

Conceitos/Média dos Scores	Internacionais (n=30)				Nacionais (n=28)			
	Compreensão		Aplicação		Compreensão		Aplicação	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Níveis de qualificação (ex: ser internacional categoria II, III, etc)	4,5	0,81	4,7	0,65	4	1,05	4,6	0,69
Experiência (ex: Ser árbitro a 10 anos)	4,6	0,71	4,65	0,74	4,2	0,81	4,3	1,03
Capacidade de julgar qualquer nível de competição	4,7	0,59	4,6	0,7	4,4	0,8	4,3	1
Autoconfiança	4,4	0,88	4,4	0,92	4,4	0,79	4,4	0,84
Autocontrole em situações de pressão	4,4	0,88	4,3	0,85	4,4	0,88	4,3	0,86
Capacidade de se comunicar com os outros	4,6	0,71	4,5	0,89	4,3	0,86	4,1	1,03
Observar, interpretar e memorizar	4,6	0,68	4,4	0,76	4,3	0,83	4,4	0,75
Capacidade em diferenciar o nível da apresentação	4,8	0,44	4,8	0,46	4,5	0,69	4,7	0,54
Definir sua percepção emocional	4,4	0,68	4,4	0,72	4,3	0,67	4,1	0,81
Apreciação estética e artística	4,6	0,61	4,5	0,81	4,3	0,87	4,5	0,7
Ser seguro na aplicação de parâmetros técnicos	4,7	0,51	4,7	0,52	4,5	0,75	4,5	0,57
Domínio de parâmetros artísticos e musicais	4	1,06	3,9	1,11	3,8	1,07	3,8	1,03

Os itens de maiores escores dentre os elencados são: “Ser seguro na aplicação de parâmetros técnicos”, e “Capacidade de diferenciar o nível da apresentação”. Supomos que a segurança na compreensão e na aplicação destas capacidades durante o momento de atuação da arbitragem se dá principalmente por conta da obrigatoriedade do domínio das regras das modalidades para a realização dos cursos de arbitragem, e pela disposição do regulamento específico de cada uma das competições antes do seu início, que facilitam o momento de aplicar as regras durante a arbitragem, mesmo que adaptadas para cada uma das competições.

A competência relacionada à experiência teve uma diferença significativa em relação aos dois grupos analisados. Os(as) árbitros(as) nacionais consideram ser uma competência menos relevante do que os árbitros internacionais. Enfatizamos aqui que quanto mais alto o *brevet*, maior é a responsabilidade que o(a) árbitro(a) tem durante a sua atuação, sendo assim maior a cobrança, e maior também os fatores políticos e emocionais envolvidos com momento de julgar, que são fatores

completamente relacionados com o período de experiência que o(a) árbitro(a) possui.

Outro item destacado como bem diferente entre os dois grupos é o de “Capacidade de se comunicar com os outros”. Ao que nos parece, tal item está diretamente ligado com o de “Autoconfiança”, por exemplo, que pode ser melhor trabalhado com base na experiência prática da arbitragem em competições ao longo dos anos, que podem melhorar a comunicação dos(das) árbitros(as) uns com os outros, e também melhorar a relação árbitro-treinador-ginasta, que se mostra cada vez mais colaborativa, uma vez que as notas obtidas por um(a) ginasta numa competição oferece todo um feedback do trabalho exercido por ele(a) e por seu treinador(a).

Por fim, os baixos escores no item de “Domínio de parâmetros artísticos e musicais” em ambos os grupos, sinaliza um fator importante a ser cuidado na formação de árbitros(as), pois reforça a dificuldade de compreensão das regras dispostas no CP tanto por árbitros(as) de maior qualificação, quanto os menos experientes.



## Considerações finais

Este estudo evidencia uma grande gama de diferentes competências que árbitros(as) de GAF e GAM devem não apenas compreender, mas também saber aplicar de forma eficiente. Estas competências, que podem ser divididas em mais básicas como o conhecimento das regras, ou mais complexas como apreciação estética e artística da modalidade, devem ser desenvolvidas por meio de análise e reflexão ao longo de sua carreira como árbitro(a), por meio de suas experiências práticas. Fica claro que possuir conhecimento aprofundado das regras dispostas no CP não garante a competência de como aplica-las, de fato, durante o momento de avaliar.

Os resultados deste estudo estão em consonância com autores trazidos no estudo original de Fernandez-Villarino e colaboradores<sup>4</sup>, como Anderson<sup>33</sup> e Suárez<sup>34</sup>, que destacam em suas pesquisas que os componentes-chave para a eficiência no julgamento esportivo são o conhecimento e a compreensão das regras, além da experiência em competições para uma melhor ideia de como aplica-las na prática. A “Autoconfiança” também é destacada como um aspecto psicológico chave para diferenciar árbitros(as) que atuem de forma mais eficiente<sup>4,35,36</sup>. E assim como o estudo original, árbitros(as) menos experientes consideram a capacidade de se comunicar uma competência não muito determinante para a sua atuação.

Identificamos haver uma diferença sobre como competências práticas são específicas de cada uma das modalidades, apesar de possuírem uma origem e elementos comuns. Considerando as especificidades de cada uma das modalidades, compreendemos que devem haver diferentes formas de se estudar e de “treinar” os(as) árbitros(as), levando em consideração tais especificidades e, assim, buscar diferentes caminhos de se potencializar as competências mais relevantes para cada uma.

Apesar da variedade dos fatores que podem vir a influenciar na atuação do(da) árbitro(a), notamos que uns dependem muito mais do seu processo de formação e de sua experiência do que

outros, que estão de fato subordinados ao ambiente competitivo, que é menos controlado por quem está ali atuando e, portanto, podem afetar de forma mais incisiva na arbitragem. Para isso, os(as) árbitros(as) também devem estar preparados(as) para melhor administrar os efeitos sentidos e, assim, manter o melhor nível de qualidade do seu trabalho. Sendo assim, compreender os fatores que influenciem diretamente na efetividade das ações de um(a) árbitro(a) é importante para, principalmente, desenhar programas e modelos de formação que possam proporcionar um melhor desenvolvimento especializado da arbitragem<sup>37</sup>, apontamentos estes que colaboram na justificativa desta pesquisa.

Apesar de limitações da pesquisa, como a não participação do total de árbitros(as) contemplados nos critérios de seleção ou mesmo a adaptação do instrumento utilizado em outra modalidade esportiva, ela traz dados relevantes que podem colaborar para uma análise diagnóstica acerca de como árbitros(as) vem compreendendo (ou não) e aplicando (ou não) as regras estabelecidas no CP. Estes dados, portanto, podem se constituir como ponto de partida para a constituição de programas de formação de árbitros(as) na Ginástica Artística, ainda tão incipientes no Brasil, sobretudo para que se estabeleça um processo contínuo, sistemático, processual e plural.

Entender sobre a relevância destas competências para a atuação e sobre o perfil do grupo de árbitros(as) podem ser ferramentas importantes para que os responsáveis por organizar os cursos de arbitragem e de acompanhar o processo de formação de árbitros(as) possam dar a devida atenção nos momentos de compartilhamento de conhecimento, trazendo aspectos e informações que possam ser tratados com maior adensamento em diferentes etapas e/ou níveis deste processo de formação, já identificado como fragmentado/ com algumas fragilidades e que merece uma maior atenção para potencializar a excelência da atuação da arbitragem brasileira.

## Abstract

“Practical” competences of Brazilian Artistic Gymnastics judges: a diagnostic overview.

Judging plays a very important role in sports and its formation process should be increasingly taken into account by different institutions. This could lead to more accurate and fair results, more aware and motivated athletes (from beginners to top performers), judges who are more satisfied with their work and a greater appreciation of sport as a socio-cultural and value-forming phenomenon. The aim of this study was to analyze the levels of understanding and application of practical skills among Women’s (WAG) and Men’s (MAG) artistic gymnastics judges. This is a descriptive, quantitative study - which used descriptive statistics to numerically represent the participants' answers, as well as analyzing and discussing the data according to the theoretical framework and the authors' views on the subject. The research tool used was a questionnaire applied to a sample of 58 judges (28 WAG and 30 MAG). Based on a data analysis using descriptive statistics, it was found that judges in both disciplines understand and apply these skills in similar ways, with emphasis on self-confidence and the ability to assess series of different levels. The understanding and application of skills related to the artistic component of the women's sport is still a difficult item for WAG judges, while skills related to efficient communication and emotional perception are the main differences for MAG judges. This study is important for identifying the weaknesses and potential of the group of Brazilian judges in question and thus better collaborate with their formation process for judging in national and international championships.

KEYWORDS: Artistic Gymnastics; Judging; Practical competences; Formation process; Specialized work.

## Referências

1. Pereira NF, Santos RG, Cillo EN. Arbitragem no futebol de campo: estresse como produto de controle coercitivo. *Rev Bras Psicol Esporte*. 2018;1(1).
2. Federação Internacional de Ginástica. 2022-2024 Men’s Artistic Gymnastics Code of Points. 2022.
3. Federação Internacional de Ginástica. 2022-2024 Women’s Artistic Gymnastics Code of Points. 2022.
4. Fernandez-Villarino MA, Bobo-Arce M, Sierra-Palmeiro E. Practical Skills of Rhythmic Gymnastics Judges. *J Hum Kinet*. 2013;39(1):243-9.
5. Pajek MB, Kovac M, Pajek J, Leskosec B. The Judging of artistry components in female gymnastics: a cause for concern. *Sci Gymn J*. 2014;6(3):5-12.
6. Plessner H. Positive and negative effects of prior knowledge on referee decisions in sports. In Betsch T, Haberstroh S, organizadores. *The routines of decision making*. Psychology Press. 2014:341-354.
7. Heinen T, Vinken PM, Velentzas K. Judging performance in Gymnastics: a matter of motor or visual experience? *Sci Gymn J*. 2012;4(1):3-72.
8. Tenenbaum G, Levy-Kolker N, Sade S, Lieberman DG, Lidor R. Anticipation and confidence of decisions related to skill performance. *Int J Sport Psychol*. 1996;27(3):293-307.
9. Mascarenhas DR, Collins D, Mortimer P. The art of reason versus the exactness of science in Elite Refereeing: comments on Plessner and Betsch (2001). *J Sport Exerc Psychol*. 2002;24(3):328-33.
10. Plessner H. Expectation Biases in Gymnastics Judging. *J Sport Exerc Psychol*. 1999;21(2):131-44.
11. Van BLG, Knapová L, Majoranc K, Szebeni ZK, Táborský A, Tomić D, Cañadas E. “It’s Always the Judge’s Fault”: attention, emotion recognition, and expertise in Rhythmic Gymnastics assessment. *Front Psychol*. 2016;7.
12. Leskošek B, Čuk I, Pajek J, Forbes W, Bučar-Pajek M. Bias of judging in men's artistic gymnastics at the european championship 2011. *Biol Sport*. 2012;29(2):107-13.
13. Ste-Marie DM. Expertise in Women's Gymnastic Judging: An Observational Approach. *Percept Mot Ski*. 2000;90(2):543-6.
14. Ste-Marie DM, Valiquette SM, Taylor G. Memory-Influenced Biases in Gymnastic Judging occur across different prior

- processing conditions. *Res Q Exerc Sport*. 2001;72(4):420-6.
15. Findlay LC, Ste-Marie DM. A reputation bias in figure Skating Judging. *J Sport Exerc Psychol*. 2004;26(1):154-66.
16. Boen F, Hoyer KV, Auweele YV, Feys J. Judging bias in Artistic Gymnastics: the pressure to conform. In: Boen BD, Cuyper J, Opdenacker F, organizadores. *Current research topics in exercise and sport psychology in Europe*. Leuven; Lannoo Campus. 2006; p. 123-138.
17. Pizzera A. Gymnastic Judges benefit from their own motor experience as Gymnasts. *Res Q Exerc Sport*. 2012; 83(4):603-7.
18. Nevill AM, Balmer NJ, Williams MA. The influence of crowd noise and experience upon refereeing decisions in football. *Psychol Sport Exerc*. 2002;3(4):261-72.
19. Plessner H, Schallies E. Judging the cross on rings: a matter of achieving shape constancy. *Appl Cogn Psychol*. 2005; 19(9):1145-56.
20. Bai L, Lao S, Zhang W, Jones GJ, Smeaton AF. A semantic event detection approach for soccer video based on perception concepts and finite state machines. In: *Eighth International Workshop on Image Analysis for Multimedia Interactive Services (WIAMIS'07)*. IEEE. 2007;30.
21. Hagemann N, Strauss B, Leißing J. When the Referee sees red. *Psychol Sci*. 2008;19(8):769-71.
22. Dallas G, Mavidis A, Chairpoulou C. Influence of angle of view on Judges' evaluations of inverted cross in men's rings. *Percept Mot Ski*. 2011;112(1):109-21.
23. Ferreirinha J, Carvalho J. Tendências e desvios no ajuizamento em Ginástica. *Rev ENGym*. 2012;1(2):2-3.
24. Ste-Marie DM, Lee TD. Prior processing effects on gymnastic judging. *J Exp Psychol*. 1991;17(1):126-36.
25. Oliveira MS. O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005- 2008. [dissertação]. Campinas: Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas; 2010.
26. Leandro C, Ávila-Carvalho L, Sierra-Palmeiro E, Bobo-Arce M. The evaluation rules in the view of the Rhythmic Gymnastics Judges. *J Sports Sci*. 2016;4(4).
27. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas; 2009.
28. Mascarenhas DR. The psychology of refereeing: rugby football league coherence training results [doutorado]. Edimburgh: University of Edimburgh, PESLS Department, Edimburgo; 2004.
29. Oliveira MS, Pires FR, Roble OJ, Molinari CI, Nunomura M. A compreensão e a avaliação do componente artístico da ginástica artística. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2017;31:41-50.
30. Duda JL, Brown BMA, Saint GK. Women's Artistic Gymnastics Judges' sources of stress. Washington: Technique, 1996;16:1-5.
31. Debien PB, Noce F, Debien JB, Costa VT. O estresse na arbitragem de ginástica rítmica: uma revisão sistemática. *Rev Educ Fis UEM*. 2014;25(3):489.
32. Oliveira MH. Auto-análise dos processos de formação de árbitros(as) brasileiros(as) de ginástica artística: reflexões e apontamento para novas perspectivas [mestrado]. Universidade Estadual de Campinas; 2022.
33. Anderson RJ. Cognitive psychology and its implications. 2. ed. New York: W.H. Freeman; 1985. 472 p.
34. Suárez DC. El perfil de las jueces de gimnasia rítmica. *Educ Fís Deportes*. 1998;53:103.
35. Ittenbach RF, Eller BF. A personality profile of southeastern conference football officials. *J Sport Behavior*. 1998;11(3):115.
36. Weinberg RS, Richardson PA. Psychology of officiating. Champaign: Human Kinetics; 1995. 192 p.
37. Mascarenhas DR, Collins D, Mortimer P. Elite Refereeing performance: developing a model for sport science support. *Sport Psychol*. 2005;19(4):364-79.

## ENDEREÇO

Mateus Henrique de Oliveira  
Rua Pedro Zaccaria, s/n - Jardim Piratininga  
13484-350 - Limeira - SP - Brasil  
E-mail: matthenrio@gmail.com  
m118092@unicamp.br

Submetido: 25/08/2023

Revisado: 27/11/2023

Aceito: 30/11/2023